Ano X — Lisboa, Agosto de 1954 — N.º 112

# SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

# HIGIENE NA ALDEIA

Há certas experiências humanas que têm sido adquiridas à custa de provas dolorosas. Estão neste caso os conhecimentos do Homem no campo da Higiene. Através dos séculos, as populações sofreram o ataque de elementos ignorados, que as dizimavam implacàvelmente. No entanto, espíritos observadores, deram-se ao trabalho de analisar certas particularidades e, assim, chegaram ao conhecimento dos factores que causavam a destruição de tantos seres humanos — os micróbios. Descoberto o inimigo, logo se iniciaram os estudos para o dominar, entrando-se deliberadamente na luta titânica pela conservação da saúde e prolongamento da vida. Nos dias de hoje, são já conhecidos numerosos métodos eficazes de prevenção contra doenças que outrora constituíam temerosas ameaças para o género humano.

Todavia, obstáculos há a impedir que muitos processos sanitários sejam postos em prática, já pelos acanhados meios materiais, já por causas doutro jaez. Ilustrando esta afirmação, pode apresentar-se o facto chocante do alheamento, ignorância ou desconfiança que o campónio português revela pela Higiene. De muitos deles diz-se, e talvez sem sombra de exagero, que só conhecem os benefícios da água quando é chegado o tempo de ir às sortes.

Os japoneses, segundo nos revela B.-P., são muito limpos, chegando a banharem-se várias vezes por dia. Esta disposição fez com que as suas perdas de homens, por ferimentos e doenças, durante a guerra no seu país, fosse em muito menor grau que o verificado entre os ingleses na guerra dos *boers*.

Os hábitos higiénicos são de grande valor para a conservação da saúde, mas o camponês de Portugal desconhece essa vantagem ou então olha-a com cepticismo. Por este motivo, é vulgar verem-se bandos numerosos de crianças, esfarrapadas e sujas, arrastarem-se, nas suas brincadeiras, pelo chão coberto de detritos, à poeira e às moscas. As montureiras erguem-se perto das casas e as águas estagnadas quase as circundam. Nos currais e nas cocheiras, onde o desleixo campeia, a imundície é aos montes, e os detritos da lida caseira são, geralmente, arremessados para as circunvizinhanças das habitações.

Este menosprezo pela limpeza é de extrema gravidade, pois é nestes ambientes sórdidos que prolifera toda a casta de insectos prejudiciais à saúde.

O grande higienista Dr. Ricardo Jorge afirma que a mosca é testemunho do desleixo perante a imundície, asserção pouco abonatória para as condições sanitárias de tantas localidades, onde o forasteiro chega a ser supliciado pelo mosquedo que aí pulula nas ruas e nas casas.

Conhecido o problema da escassez de higiene nos centros rurais, há que mobilizar os meios disponíveis para a resolver. Parece-nos que, a par de alfabetização a que se está metendo braços, seria conveniente criar no aldeão um certo brio pessoal, levando-o a ter consciência dos deveres para consigo próprio e das normas de respeito pelo semelhante, que são traduzidas pela observação dos preceitos de higiene; de contrário, não serão as poucas letras que, porventura, venha a obter, que lhe tirarão o ar de parolo e de incivilizado, já tão clássico nele.

Esta campanha de elevação cívica do camponês, poderia ser levada a cabo por todas as entidades idóneas que com ele contactam: o médico,

(Conclui na 2.ª página)

# UMA AFRONTA A PORTUGAL

*Sobre os três distritos do território português do Estado da Índia, converge agora a atenção do mundo, surpreendido e indignado pelo brutal atentado contra os pacíficos habitantes daquelas regiões, perpetrado por turbas que, de princípios, só conhecem os que regem as vilanias, os roubos e as traições.*

*O «Sempre Pronto», intransigente adversário de toda a forma de opressão e porta-voz de um movimento que preconiza e estimula a confraternização entre todos os povos, vem a terreiro lavrar o mais solene e veemente protesto contra tão nefanda atitude de desrespeito pela soberania de Portugal nesses rincões que, lá longe, são testemunhas vivas da gloriosa tarefa de um povo que deu novos mundos ao Mundo.*

*Goa, Damão e Dio são terras portuguesas como o são Aljubarrota ou o Buçaco; são portuguesas porque escutaram o clamor dos Albuquerques e dos Castros; são portuguesas porque há ali um povo que sente Portugal, que ama Portugal, que é e que, contra tudo e apesar de tudo, quer continuar a ser Portugal.*

*Rogamos a Deus que um resquício de bom senso possa levar os responsáveis de tão infame aventura a impedir que desacatos de bandoleiros desnorteados continuem a manchar um solo sagrado, que só conhece sangue de heróis e de santos.*

### Os nossos irmãos de Espanha também definem a sua atitude de protesto

*Do nosso estimado amigo e antigo escoteiro espanhol sr. Vítor Perez Rios, de Vigo, recebemos esta prova de amizade, que muito nos sensibiliza, a respeito da agressão cometida contra os nossos territórios da Índia:*

*«Nestes momentos em que Portugal lamenta a invasão dos seus territórios ultramarinos da Índia, afir-*

(Conclui na 2.ª página)

# HIGIENE NA ALDEIA

*(Conclusão da 1.ª página)*

o professor primário, as autoridades e os mentores espirituais. Nos locais onde os houvesse, os chefes dos grupos de escoteiros poderiam também desempenhar um papel de grande valor social, inculcando nos seus rapazes os hábitos de limpeza quotidiana e todos os demais preceitos higiénicos de vida sã.

Já tivemos ensejo de observar o aspecto esplêndido do camponês austríaco, e admirámos-lhe o ar lavado e são que revela, tanto na sua aparência física, como no vestuário, como ainda na habitação. Era isto que desejávamos em Portugal, mas tal desiderato só será logrado se se souber criar uma mentalidade superior no provinciano. É necessário, pois, que ele conheça os perigos da imundície e aprenda a cuidar mais de si próprio e dos seus, a seguir uma alimentação sadia, a rasgar as janelas das suas casas para que o Sol leve ao interior delas os seus benefícios, a construir e a cuidar das fossas segundo as indicações técnicas convenientes, a fazer as montureiras com os cuidados tendentes a impedir e proliferação do mosquedo e as epidemias, e, enfim, acabar com a imundície nas capoeiras, nos currais e estábulos.

Conseguidos estes resultados, ter-se-á dado um grande passo no combate às doenças que afligem as populações rurais, ao mesmo tempo que se terá desenvolvido um sentimento mais elevado de dignificação na boa gente portuguesa. E o nosso Sol esplendoroso, que tão generosamente se oferece aos campos de Portugal, será um precioso colaborador na luta por uma raça forte e sã, de corpo e de espírito.

JOEL RIBEIRO

**FALTA DE ESPAÇO** Por absoluta falta de espaço não podemos este mês publicar o folhetim «Uma Aventura na Rússia», assim como muito outro original, pelo que pedimos desculpa aos nossos estimados leitores e colaboradores. Esperamos, porém, publicar no próximo mês o folhetim correspondente a dois números.

## UMA AFRONTA A PORTUGAL

*(Conclusão da 1.ª página)*

*mo o meu protesto por essa intromissão dos mercenários de Nehru. Uma vez mais a Espanha se solidariza com o vosso País, esperando que enérgicas medidas acabem de vez com esses invasores das vossas províncias ultramarinas».*

*Agradecendo as firmes palavras deste nosso caro irmão-escoteiro, fazemos votos para que Portugal e a Espanha continuem a ser exemplos de amizade e de cooperação internacionais.*

## Acampamento Escotista no Castelo de S. Jorge

Na noite de 14 para 15 do corrente, realizou-se no Castelo de São Jorge, um acampamento de todos os grupos da Região de Lisboa.

Esta actividade serviu para comemorar o aniversário da Batalha de Aljubarrota, tendo sido aproveitado o ensejo para os escoteiros manifestarem o seu protesto contra a agressão dos aventureiros indianos contra os territórios portugueses da Índia.

No próximo número referir-nos-emos, com o desenvolvimento que o assunto merece, a esta interessante actividade escotista.


Meia de Vidro

MEIAS
NYLON «DUPONT»
TODOS OS PREÇOS E QUALIDADES

Meias para Desporto
Malhas interiores
e exteriores

MEIA DE VIDRO
RUA AUGUSTA, 158 LISBOA


## LIVROS

### EDIÇÕES EM FRANCÊS

**O «Sempre Pronto» liquida a sua existência de livros em língua francesa.**

| | |
|---|---|
| *Éclaireurs*, tradução do «Scouting for boys», de B.-P. | 27$50 |
| *Route du Succès*, de B.-P. | 27$50 |
| *École de la vie*, de B.-P. | 31$00 |
| *Le Livre des Louveteaux*, de B.-P. | 27$50 |
| *Le Manuel du Chef de Patrouille*, de B.-P. | 29$00 |
| *Le Guide du Chef Eclaireur*, de B.-P. | 18$00 |
| *Pistes de Jungle*, caderneta de Lobitos | 15$00 |
| *Trente Garçons*, de Pellegrin | 12$00 |
| *Camps de Louveteaux*, E. U. F. | 15$00 |
| *Les Ponts*, de René Morley | 15$00 |
| *Noeuds et Passerelles*, de René Morley | 15$00 |
| *Jeux Eclaireurs*, de B.-P. | 27$50 |
| *Zig-zag-zoug*, de Demole | 27$50 |
| *L'Ami du Campeur*, antigo Manual do Escoteiro, muito ilustrado, autêntica enciclopédia | 80$00 |
| *Camps Eclaireurs* | 15$00 |

Até Setembro faremos o desconto de 15 % em todas estas obras

Pedidos à Redacção do «Sempre Pronto»

UMA NOVA EDIÇÃO

**MANUAL DO ESCOTEIRO**
**SEMPRE PRONTO**
PROVAS DE 2.ª CLASSE

**Um livro indispensável a todos os Escoteiros em edição do 'Sempre Pronto'**

PREÇO — ESC. 5$00

Os Grupos de Escoteiros que nos requisitem um mínimo de 10 exemplares beneficiam do desconto de 20 %. O «Sempre Pronto», procurando servir o Movimento, coloca estes livros a um preço muito baixo à disposição de todos os Escoteiros. Pedidos, a partir de 1 de Setembro p. f.º, para a Redacção do «Sempre Pronto». Pelo correio acresce o porte.

# A Técnica no Escotismo

O Escotismo é um movimento educativo da juventude que tem processos próprios, que o caracterizam, e os aplica de modo peculiar—a sua técnica.

O fim a atingir é a obtenção de rapazes com sentimentos de honra, dedicação, espírito de serviço, vontade forte, amor ao próximo, ordem e tantos outros.

Todas estas qualidades podem existir em maior ou menor grau no rapaz. É preciso desenvolvê-las; para o conseguir o Chefe-Escoteiro utiliza os métodos do Movimento com todos os seus processos e a sua Técnica, que bem compreendidos e aplicados são maravilhosos, satisfazendo os mais modernos conceitos de Educação.

Contudo, nem sempre, os que têm a seu cargo a formação dos Escoteiros, distinguem entre os objectivos fundamentais e os meios empregados para os atingir, fazendo destes o seu intuito imediato e quase sempre exclusivo. Há os que para incutir noções de honra arengam maçadoras dissertações, que muitas vezes não chegam a ser ouvidas. Outros entendem exercitar a vontade dos seus Escoteiros procurando que eles assistam às reuniões sem cuidar de as caracterizar com um centro de interesse para os rapazes; se eles faltam e se desinteressam dizem que não têm força de vontade, não se esforçam, nem se dedicam, e ao dizerem-lhes isto mais os maçam. Para alguns as Provas de Classe (os nós, o homógrafo, etc.) são objectivos únicos; é preciso ter todas as provas na ponta da língua e de tempos a tempos fazem exames e recapitulações para ver do estado de preparação do rapaz; se ele está esquecido vem a subsequente descompostura — não cuidou o Escoteiro de manter o seu nível técnico — dizem.

Mas quantas vezes não é o próprio Chefe o culpado desse desinteresse e dessa falta de preparação? Quantos há que nas actividades normais do Grupo incluem exercícios que mantenham o Escoteiro em permanente actividade pondo em prática real (ou tão real quanto possível) os conhecimentos adquiridos? Nem todos compreendem este pormenor importante da aplicação do método e da sua técnica.

Uma vez aprendidas as provas, e até mesmo para as aprender, há que organizar actividades, que tenham real interesse para o rapaz e onde ele ponha à prova o que sabe ou aprendeu.

Exemplifiquemos:

Aprendem-se os nós, o homógrafo e o morse. Uma vez aprendidos devem utilizar-se no campo nas aplicações práticas que a vida nos proporciona.

Fazer uma formatura para o Chefe mandar executar sucessivamente os nós, verificando, assim, se estão esquecidos e a rapidez de execução, ou criando postos de homógrafo ou morse para serem transmitidas mensagens de pura invenção momentânea, banais e sem interesse ou pior do que isto, exercitar estes dois processos de transmissão em formaturas colectivas, é estar a aplicar mal as possibilidades da técnica escotista, diremos mesmo é não a aplicar. É estar a desaproveitar o que o Escotismo tem de bom, novo e notável—a sua característica de Movimento, de escola activa — para a transformar numa má escola da época dos nossos avós e de há muito condenada pela Pedagogia.

Todas as práticas das provas deverão ser feitas como consequência natural das necessidades da vida do campo. É, pois, condição indispensável criar essas necessidades que exijam do Escoteiro pôr em prática o que aprendeu. Façam-se excursões e acampamentos onde haja necessidade real de armar barracas (as que se levam ou improvisam), de construir utensílios no local, de construir pontes, cabos de vai-e-vem, escalar árvores, etc., assim, nascerá a necessidade de aplicar muitos dos nós e outras coisas aprendidas ou, se não as sabemos, aprenderemos então ou recordá-las-emos.

Dêem-se certas tarefas para elementos de uma Patrulha realizarem a certa distância, criando-se a necessidade de terem de comunicar o resultado aos outros componentes com rapidez (para ganhar o jogo ou qualquer outro objectivo real) e então entrarão em utilização prática e real os meios de transmissão a distância.

Quere-se praticar a leitura das cartas topográficas? Nada de encerrar o Escoteiro na Sede fazendo-lhe um interrogatório apertado sobre o significado dos sinais que nelas existem. Organize-se uma excursão a uma região de que tenhamos a respectiva carta, e, com ela a servir-nos de guia, identifiquemos os acidentes naturais com a respectiva representação topográfica. Marque-se um itinerário, exercício ou jogo em terreno desconhecido de modo que a carta tenha de intervir necessàriamente; então atingirá melhor resultado no jogo, ou o objectivo no exercício, aquela Patrulha que tinha os Escoteiros sabendo manejar a carta, conhecendo os segredos da orientação e tantas outras coisas que são necessárias para vencer as pequenas dificuldades ou obstáculos que surgem.

Sobre a Lei e o Compromisso, dispensemo-nos de muitas palestras. Actuemos em cada caso, no jogo, na organização dos trabalhos do Grupo, da Patrulha, do emprego ou da escola, para chamar a atenção sobre a necessidade de fazer de determinada maneira. Para que servirá saber de cor e explicar muito bem todos os artigos da Lei se nas mais pequenas coisas não é cumprida ou não há um esforço no sentido de a cumprir? Quando se notam as falhas, na vida real, é então que se deve chamar a atenção; isso é tanto mais importante e necessário quanto mais subtil e voluntária foi a falta cometida. Deve procurar-se, até, organizar as coisas no sentido de fazer com que os Escoteiros sintam as consequências do não cumprimento da Lei, mas, normalmente, sem que directamente se veja atingido ou humilhado.

Para todas estas coisas, os jogos que tenham um fundo de aventura e ponham em funcionamento simultâneo várias faculdades do rapaz, são os indicados.

Procure-se aproximar dos moldes da vida quotidiana essas actividades e jogos dos Grupos e das Patrulhas, para dar ao rapaz a sensação de estar fazendo efectivamente qualquer coisa de real e útil; assim o seu interesse será mais real e aproximá-lo-á da vida.

Claro que este modo de trabalhar com o Grupo exige da parte do Chefe um muito maior esforço na preparação dos programas e uma observação também maior das actividades e da actuação dos Escoteiros. Contudo os frutos que se obterão compensam sem esse esforço.

Lembro o modo de trabalhar do actual Chefe do Grupo N.º 6 de Olhão, que, pelo que tenho visto, se esforça por se aproximar deste modo de aplicação da técnica escotista, obtendo assim os resultados que unânimemente são tidos como bons, para não dizer maravilhosos ou deslumbrantes (aos olhos de alguns). Recordo os temas de dois ou três exercícios de cam-

*(Conclui na 4.ª página)*

# Os Escoteiros Portugueses no Acampamento Internacional de Patrulhas no Brasil




A prontidão com que o «Sempre Pronto» deu a notícia da recepção feita no Rio de Janeiro, aos escoteiros que constituíam a representação de Portugal no Acampamento Internacional de Patrulhas, mereceu os maiores encómios dos nossos estimados leitores.

Conforme dissemos e hoje podemos confirmar, os escoteiros portugueses foram acolhidos com o maior carinho e o seu comportamento tem sido de forma a despertar francas manifestações de simpatia e de elogio às suas qualidades.

Durante a viagem a bordo do «Santa Maria», o Chefe da Delegação, sr. Albano da Silva, expediu um telegrama a S. Ex.ª o sr. Presidente da República Portuguesa, do seguinte teor:

*«Quinze escoteiros de Portugal caminho Brasil bordo paquete S. Maria expoente máximo renovação marinha mercante nacional rogam V. Ex.ª se digne aceitar suas respeitosas homenagens momento regresso V. Ex.ª triunfal viagem províncias ultramarinas».*

A oficialidade e a tripulação do «Santa Maria», distinguiram os nossos representantes com um carinho que merece ser registado e honra a Marinha Mercante nacional. Os escoteiros portugueses comportaram-se com um aprumo invulgar, tendo causado a melhor das impressões, mesmo entre os passageiros. Por este motivo, o Comandante e o Comissário de bordo, no final da viagem, felicitaram o Chefe Albano da Silva, atitude secundada por muitos dos passageiros.

Entre a tripulação, havia dois antigos escoteiros, que, como é natural, se distinguiram nos cuidados com os seus novos camaradas. A' chegada ao Rio, os nossos rapazes tributaram-lhes uma justa homenagem, tendo os dois tripulantes recebido das mãos de um representante da União dos Escoteiros do Brasil, medalhas comemorativas do 40.º aniversário da A. E. P.. O Chefe da Delegação agradeceu a gentileza desses dois velhos camaradas, palavras a que um deles respondeu sensibilizado, recordando os seus tempos de escoteiro. Aconselhou os rapazes a seguirem o exemplo do Chefe Albano da Silva.

## O desembarque no Rio de Janeiro

Conhecem-se mais pormenores do fervoroso acolhimento dado à Delegação portuguesa à chegada à Capital Federal. Os grandes diários dispensaram ao acontecimento uma atenção invulgar e carinhosa, enviando a bordo representantes e fotógrafos e publicando, com grande relevo, reportagens desenvolvidas, assim como o telegrama enviado ao sr. Dr. Getúlio Vargas.

Os nossos escoteiros foram homenageados com um bem servido almoço em Copacabana, durante a viagem oferecida pela U. E. B., para visita à grande cidade. A despedida do Rio de Janeiro foi entusiástica, tendo os representantes da União dos Escoteiros do Brasil primado pelo carinho dispensado aos nossos escoteiros. Muitos portugueses associaram-se, visivelmente emocionados, à inesquecível cerimónia.

## A chegada a São Paulo

No porto de Santos, os portugueses eram aguardados por representantes do Escotismo, pelo sr. Comendador Pereira Queirós e por numerosos portugueses que fizeram aos nossos camaradas uma entusiástica recepção.

A viagem até à grande Metrópole Paulistana foi feita em luxuosos automóveis, generosamente postos à disposição dos Escoteiros, através de uma magnífica estrada, obra-prima da moderna engenharia.

Tal como no Rio, foi caloroso o acolhimento oferecido pela Imprensa de São Paulo, publicando grandes fotografias e reportagens da Delegação portuguesa e o Chefe Albano da Silva concedeu diversas entrevistas que provocaram grande onda de interesse.

Durante a estadia na cidade, os escoteiros cantaram no Teatro da Exposição do IV Centenário da Cidade de São Paulo, perante um público numeroso, onde se contavam bastantes portugueses. No final, o auditório dispensou-lhes uma entusiástica ovação.

## Abertura do Acampamento Internacional de Patrulhas

A cerimónia da inauguração do Acampamento Internacional revestiu-se de aspectos imponentes, tendo desfilado seiscentos escoteiros perante os representantes do Presidente da República, do Governador do Estado de São Paulo, do Prefeito da cidade e do Ministro da Marinha e o Cardeal Arcebispo de São Paulo.

O sr. Walter de Castro Schlitlher, Chefe do Acampamento, o Comissário Nacional da U. E. B., o sr. Jean Salvaj, representante da Secretaria Internacional do Escotismo no Brasil e o Cardeal Arcebispo de São Paulo, usaram da palavra, apresentando saudações aos escoteiros. Nesta cerimónia foi lida uma mensagem do General Spry, da Secretaria Internacional, dirigida aos escoteiros acampados.

Esta festa deixou a melhor das impressões em todos os presentes.

No Acampamento contavam-se, além dos escoteiros do Brasil e Portugal, representantes da Argentina, Alemanha, Bolívia, Chile, Cuba, Estados Unidos, Holanda, Japão, Líbano, Suíça, Uruguai, Síria, Paraguai e Venezuela.

Nos dias 31 de Julho e 1 de Agosto, o Acampamento foi aberto aos visitantes, tendo registado respectivamente, 5.664 e 20.612 visitas nesses dois dias.



A Estátua do Escoteiro, erigida na cidade do Rio de Janeiro, por oferta do Chile às crianças do Brasil

## A Técnica no Escotismo

*(Conclusão da 3.ª página)*

po que esse Chefe executou no seu Grupo e deu a público no «Sempre Pronto» e estão bastante dentro do espírito que deve orientar a actividade escoteira.

Ir para o campo ou reunião, sem um programa bem organizado e sempre que possível dentro dos moldes atrás enunciados, é do pior que se pode fazer, para arreigar, no espírito dos rapazes, a desorganização, o desleixo, a despreocupação e o desinteresse; então, por mais discursos e chamamentos à razão que se façam, são, normalmente, infrutíferos.

Na época em que estamos, de actividades em pleno campo, é de tentar, por todos os meios, encaminhá-las no sentido exposto, pois os resultados aparecerão a seu tempo.

Com desejos de

Boa Caça

LEÃO DA SELVA

## UM PROBLEMA DIFÍCIL

O Carlos ficou vitorioso com o problema que apresentou ao João e que publicámos no número passado. Não só este não foi capaz de resolver o problema, mas até mesmo nenhum dos nossos leitores conseguiu ajudá-lo mandando a resposta certa.

O João desanimado teve de desistir. Então o Carlos, triunfante, disse: *É a «estrada», meu velho. A estrada é que sobe, desce, vai à direita, depois à esquerda e não se mexe.*

Na reunião seguinte, coube a vez ao João de apresentar um problema: Já que sabes tanto—disse ele—descobre lá esta: *Há dias, na cidade de Macau, encontraram-se dois chineses, que se cumprimentaram. A certa altura da conversa diz um deles para o outro: Fica sabendo que eu sou o pai do teu filho. Que parentesco havia entre os dois chineses?*

Desta vez foi o Carlos que ficou atrapalhado. Mas talvez tenha mais sorte e haja algum dos nossos leitores que venha em seu auxílio. A todos aqueles que nos mandarem a solução certa, ofereceremos uma pequena lembrança.

• • o • •

***Assinar o «Sempre Pronto» é valorizar o movimento escotista.***

# Desporto, Cinema e Educação

IV

Na Europa, pátria do cinema, foi a França o primeiro país a aplicar a descoberta sensacional dos irmãos Lumière, mas veio a ser a Itália, *terra mater* das Artes, quem primeiro se apercebeu das suas grandes possibilidades artísticas, logo seguida pela Alemanha, depois pela Inglaterra. Por isso, na fase heróica do cinema, que decorre até aos primeiros dias da I Grande Guerra, as fitas exibidas ou eram comédias-farsas de curta metragem, em que se notabilizou sobretudo o grande cómico francês Max Linder, ou eram dramas violentos, que, sobretudo no cinema italiano, lindavam com a tragédia esquiliana, com os nomes de Francesca Bertini, Italia Almirante Manzini e Pina Menichelli.

O cinema alemão, depois da I Grande Guerra e pela mão de Fritz Lang e Lübitsch, abriu novas perspectivas à 7.ª Arte, que enveredou pelo campo do drama moral, ou pela ilustração de obras clássicas, chegando até aos dramas intensos e de estranho simbolismo, como *A Morte Cansada, Mandrágora* e *Metropolis*, já numa época em que o cinema americano triunfava em toda a linha.

Se, por vezes, era discutível o bom-gosto da escolha dos temas e da sua execução, não podemos deixar de reconhecer que o cinema europeu não explorava deliberadamente os assuntos escabrosos, ao mesmo tempo que procurava tirar de cada fita uma lição moral, com a vitória inevitável do Bem sobre o Mal, da Justiça sobre o Crime, da Honra sobre a Desonestidade, ainda que por vezes muito ingènuamente, como na fita francesa de grande metragem *Judex*.

Entretanto, aos primeiros alvores da I Guerra Mundial começava o cinema americano a penetrar nos salões cinematográficos do Velho Mundo, onde o genial Charles Chaplin, inglês de nascimento, encontrou logo uma audiência tal que o seu nome se tornou o melhor cartaz para qualquer cinema. Mas, ao mesmo tempo, as fitas chamadas de *cow-boys*, muitas delas de metragem exagerada, e as comédias de costumes, em que brilhavam as Mary Pickford, as irmãs Talmadge, as Maë Murray e outras, começaram a substituir os produtos do cinema europeu, quando a guerra paralisou quase por completo a indústria, contribuindo para a ruína do cinema italiano, então incontestàvelmente o melhor de todo o Mundo.

E assim, o público europeu, em geral, e o português, em especial, tiveram de suportar todas as espécies de fitas que Hollywood para cá exportava, desde as «cowboyadas» de William Hart, Douglas Fairbanks pai, Tom Mix e quejandos, até às «americanices» que visavam à propaganda da plástica das suas estrelas, que, obscenamente, se começou a classificar de *sex appeal*. Quer dizer: o público europeu, desabituado dos dramas intensos e das atitudes hieráticas das *divas* italianas, insensìvelmente foi levado à aceitação das aventuras sem pés nem cabeça, que derrancavam o gosto dos espectadores (por exemplo, *A Chave Mestra, O Diamante Celeste* ou *A Máscara dos Dentes Brancos*), e às comédias de género, em que as *stars* exibiam a sua plástica num impudor inconsciente, do mesmo passo que a nossa mentalidade começava a ser tocada por um padrão de cultura e de educação em tudo diferente dos nossos, padrão que acabou por se impor com o despejar niagárico das fitas americanas nos cinemas da Europa.

Deste modo, enquanto, por um lado, os gestos e as atitudes dos bandoleiros do Far West passaram a ser admirados pela nossa juventude, que neles via paradigmas do herói de força bruta que domina o espírito, por outro lado a moral fácil americana, fruto duma educação em tudo diferente da europeia, enraizava-se nos espíritos, abalando, é certo, muito que precisava de acabar e tresandava a um passado morto, mas impondo, a par disso, preceitos e normas que repugnam à nossa sensibilidade, que sobrepõe a tudo os valores espirituais.

Acresce ainda o facto de que, com a invasão da Europa pelo cinema americano, nasceu uma admiração sem limites pelos ídolos da tela, que em toda a parte encontravam *fans* que lhes escreviam a suplicar fotografias e autógrafos, tornando-se as «estrelas» o sonho dourado de rapazes e raparigas. Estes podiam ignorar os nomes de Marconi, do Dr. Schweitzer, de Einstein, de Tomás Mann, de Bernard Shaw, de Bertrand Russell, de Anatole France, de Paulo Bourget, de Benavente, de Zuloaga, de Gregório Marañon, de Berdiaeff, de Máximo Gorki, de todos os grandes nomes do tempo nas Artes, nas Letras, nas Ciências, mas não ignoravam os de Joan Crawford, de Pola Negri, de Marlène Dietrich, de Clara Bow, de Dorothy Lamour, de Dolores del Rio, de Greta Garbo,

(*Continua na 7.ª página*)

# Assembleia Mundial da Juventude

De 16 a 27 de Agosto corrente reunir-se-á em Singapura a II Assembleia Mundial da Juventude, conhecida internacionalmente por WAY, que agrupa centenas de representantes (de 18 a 30 anos de idade), eleitos pelos conselhos nacionais de cada país.

O tema da conferência, «A juventude em acção», deve conduzir a uma compreensão mais profunda da cultura e das tradições de cada país e, sobretudo, dos problemas e aspirações dos jovens.

A «WAY» foi fundada em 1948, em Londres, por ocasião de uma conferência internacional de juventude na qual estiveram presentes delegados de quase todos os países membros das Nações Unidas, procurando corresponder à necessidade de união e ajuda mútua, numa obra construtiva a favor de uma melhor compreensão entre os jovens de todos os países, trabalhando fora da Juventude Democrática, que é de inspiração comunista.

A «WAY» baseia a sua acção na Declaração dos Direitos do Homem, sem preocupações de raça, religião ou política. A Assembleia Geral reúne-se todos os três ou quatro anos e realiza sessões bianuais do Conselho. Também publica uma interessante revista, «WAY FORUM» em francês, inglês e brevemente em espanhol.

Esta organização tem promovido visitas de jovens a diferentes países intercâmbio cultural e científico, etc. A primeira Assembleia Geral reuniu-se em Nova Iorque em 1951 e os representantes do Escotismo e do Guidismo formaram o mais importante grupo de todas as organizações mundiais. Em muitos países os Escoteiros e as Guias estão dando uma colaboração muito importante a este valioso movimento de compreensão internacional.

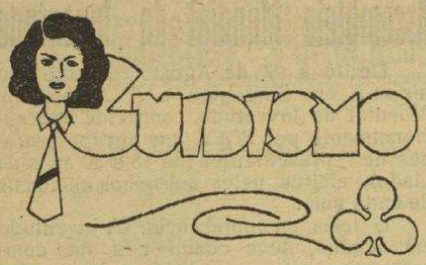
A sede em Paris da «WAY» é na Rue Richelieu, Paris, 2e., França.

# "PIQUENIQUISTAS" FARDADOS DE ESCOTEIROS

*Procura-nos um nosso leitor, simpatizante do Escotismo, para nos contar o seu desgosto por ter presenciado, num comboio da linha de Sintra, uma cena passada com uns indivíduos que ele julgou serem escoteiros, mas que em verdade eram apenas uns campistas (que nos perdoem os verdadeiros campistas), que aos domingos envergam o nosso uniforme e passam o dia estendidos debaixo de uma árvore.*

*Foi no Domingo, dia 18 de Julho passado. O comboio tinha saído do Algueirão às oito e dez da tarde. Parece que em Rio de Mouro entraram os indivíduos em questão, quase todos adultos, e tomaram atitudes que incomodaram os passageiros. Foi necessária a intervenção do Revisor que, perante a atitude incorrecta do «Chefe», se viu forçado a avisá-lo de que teria de proceder se persistisse na sua atitude. Vendo que não podiam manter as suas exigências em face dos protestos dos passageiros, os* cavalheiros *procuraram tirar desforra insultando aqueles que se tinham oposto às suas incorrecções e fizeram-no usando os termos mais baixos e ordinários, sem o menor respeito por senhoras que seguíam viagem.*

*Parecia-nos da melhor conveniência procurar descobrir, e não será difícil, os personagens que abusivamente envergam o uniforme escoteiro e que de maneira tão indigna o enxovalham na presença de tanto público, que julgará que tais figurões representam o nosso Movimento, simplesmente pelo facto de estarem registados num Grupo, tanto mais que não é a primeira vez que nos chega notícia do seu péssimo comportamento, pelo que deveriam ser privados do uso de um uniforme que não sabem honrar.*




## GUIAS DE PORTUGAL

Mais uma unidade das Guias de Portugal se acaba de constituir, a segunda da cidade de Lisboa. Na Rua do Sol ao Rato, no jardim das Missionárias de Maria, realizou-se uma cerimónia simples, mas de muito significado, durante a qual fizeram a Promessa algumas guias que ficaram a constituir as equipas «Gazelas» e «Castores». A Chefe desta Companhia é a sr.ª D. Maria Teresa Leal.

Ao acto assistiu uma delegação do Grupo de Guias «Raínha D. Leonor» e as respectivas Chefes sr.as D. Júlia Gomes Pena Ribeiro e D. Sara de Oliveira Serra, tendo dirigido saudações às Guias o sr. Vítor de Lima e Santos, comissário internacional do Corpo Nacional de Escutas, e o sr. Rev. Padre Ferreira da Silva, assistente da mesma organização.

### DIRECÇÃO CENTRAL

Segundo lemos na secção de ESCUTISMO das «Novidades», está constituída a primeira direcção superior das Guias de Portugal, da qual fazem parte as senhoras:

D. Maria do Carmo Castelo Branco (Pombeiro), Presidente; Condessa de Castelo Branco, D. Vicenta Rémus, Secretária do Conselho Nacional; Condessa de Estarreja, Chefe Nacional; D. Rosete Brito Chaves (Vale Flor), Secretária Geral; D. Cecília Abecassis Empis, Tesoureira Geral; D. Maria de Vasconcelos, Comissária Internacional; D. Maria Antónia Homem de Melo, Comissária Internacional Adjunta; D. Virgínia Rodrigues de Lima e Santos e D. Maria José Novais, Vogais.

• • o • •

## DOS AÇORES

### Grupo N.º 52—Angra do Heroísmo

**Acampamento no Monte Brasil**—De 22 a 24 de Maio p. p., as patrulhas juniores «Galo» e «Andorinha» deste Grupo estiveram acampadas nesta localidade. Esta interessante actividade foi dedicada ao treino dos novos elementos do grupo e foi dirigida pelos guias daquelas patrulhas Ludgero Moreira e Heitor Silva.

**Acampamento em Terra Chã** — Na povoação Rolo, freguesia de Terra Chã, levou este grupo a efeito mais um acampamento de 26 a 29 de Junho passado.

No sábado, à noite, realizou se um animado fogo de conselho com a colaboração do caminheiro do C. N. E. Dinis Ferreira, que acampou com este grupo na primeira noite.

O dia seguinte foi de uma actividade febril, tendo o acampamento sido visitado por numerosas pessoas amigas e das famílias dos escoteiros que assistiram, à tarde, a uma cerimónia escotista, em que sete aspirantes fizeram o compromisso de honra. O E. C. Moniz Silva dirigiu algumas palavras aos novos escoteiros, alusivas ao acto que acabavam de praticar.

O resto da tarde, foi ocupado com jogos e pequenas excursões pelos arredores do acampamento. A noite, efectuou-se novo fogo de conselho que decorreu com pleno agrado de todos os presentes, entre os quais se contava o caminheiro do C. N. E. António Pádua Amorim

O programa de segunda-feira consistia de instrução e jogos diversos. Como alguns escoteiros tivessem de se deslocar às suas ocupações habituais, voltaram ao anoitecer ao acampamento, realizando-se mais um fogo de conselho que o mau tempo não permitiu que fosse mais extenso.

Na manhã seguinte, após a limpeza do local, o grupo regressou à sua sede, depois de uma jornada óptima de confraternização escotista.

Merecem parabéns pela forma como desempenharam os seus cargos de campo os escoteiros Ludgero Moreira e João Ávila.—C.

# VIDA ESCOTISTA—VIDA NO CAMPO

Que os acampamentos—pelo menos os acampamentos escotistas—não devem ser o ramerrão de erguer as tendas, preparar a cozinha, dormir, comer e voltar à cidade, já no-lo tinha dito B.-P. E a razão deste asserto está não só na finalidade educativa do Escotismo, mas também dos imensos motivos de interesse que a vida do campo oferece ao observador. Quando entramos em íntimo contacto com a Natureza, temos a verdadeira consciência do muito do que ela encerra para nos ensinar.

A cidade desconhece o campo. Os habitantes dos grandes aglomerados populacionais, cruzando dia a dia as amplas artérias urbanas, onde edificações alterosas limitam os horizontes, vivem alheios aos aliciantes mistérios e absorventes curiosidades do grandioso laboratório da Natureza.

B.-P., que se entregava a constantes observações durante as viagens de exploração, conhecia profundamente o papel educativo que o estudo da vida dos animais e o conhecimento das plantas representavam para os rapazes. Toda a vida escotista, neste propósito, está impregnada do culto da Natureza, desde os *totens* das patrulhas, dos gritos dos animais selvagens que os escoteiros imitam, até aos engraçados pseudónimos escotistas. «Muitas vezes, na selva, tenho passado noites enluaradas a espiar os animais», confidencia-nos o Fundador num dos seus livros, à guisa de convite aos escoteiros para fazerem outro tanto.

Na minha curta peregrinação pelas serranias beirãs, mais se me tem radicado a impressão de que seria, de facto, do maior interesse para o nosso depauperado escotismo, enveredar formalmente pelo caminho que conduz à vida no campo. Actividades deste género seriam uma revelação completa para esses rapazes amarelecidos pelas deambulações contínuas nos bairros pobres das cidades. Quantos deles poderiam identificar algumas espécies de aves, além daquelas que vêem, habitualmente, nas capoeiras e gaiolas ou nos tachos dos tasqueiros? Saberiam conhecer outras árvores sem ser as duas ou três que nasceram no quintal? Julgo que a resposta a estas interrogações denunciaria o escotismo praticado intramuros, como um escotismo descolorido, um escotismo de café com leite, contra o qual os experimentados chefes escoteiros tantas reticências têm feito.

Façamos subir os rapazinhos às vertentes das serras em jornadas plenas de entusiasmo e vibração. Transformemos a aridez ou desordem das sedes em organizados, embora modestos, museus de História Natural. Inculquemos nos escoteiros o amor pela observação e estudo dos animais, dos seus costumes, alimentação, meios de reprodução e outras particularidades. Isto são manifestações do mais requintado espírito escotista com que poderíamos alterar o costumado marasmo em que vegetam essas unidades.

Agora que está passando a época estival, os campos estão inundados de luz. É a altura propícia para começar a deitar algum sal nos programas escotistas; é o momento de acabar com o piqueniquismo nos acampamentos, dando-lhes o carácter de empreendimentos cheios de vida e de aventurosas investidas, galgando vales e serras, estudando, enfrentando os problemas, gerando nos rapazes uma vontade forte e familiarizando-os com a vida rude e sã dos ambientes que só ligeiramente foram tocados pela acção artificial das comodidades modernas.

O Sol e os campos de Portugal aguardam a visita das patrulhas, pletóricas da vitalidade e da sã alegria da mística escotista.

Avô, 10/7/54.

JOEL RIBEIRO

# O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

### INGLATERRA

**Acampamento Internacional** — No dia 1 do corrente, foi inaugurado em Torquay (Devonshire) um importante acampamento internacional, em que tomam parte, além de 2.500 escoteiros britânicos, representantes da França, Bélgica, Dinamarca, Turquia, Suécia, Áustria, Alemanha, Noruega, Grécia e Índia.

• • o • •

**Este número foi visado pela Comissão de Censura.**

# Desporto, Cinema e Educação

*(Continuação da 5.ª página)*

ou de Rodolfo Valentino (cujo funeral deu oportunidade a algumas cenas disparatadas de dor selvagem), de Ramon Novarro, de Douglas Fairbanks pai, de Adolphe Menjou, de Clark Gable, de Tyrone Power, para apenas me referir aos de maior nomeada entre as duas guerras. Toda a jovem, mesmo a de maneiras desportivas, e todo o jovem, mesmo o furioso do futebol, se sentiam e sentem arrebatados ao sétimo céu quando na posse duma fotografia autógrafa (?) do seu ídolo favorito, do mesmo passo que, esquecendo os estudos e a preparação para a vida, se lançam àvidamente nas biografias, mais ou menos romantizadas, mais ou menos honestas, desses ídolos, preocupados com a cor que cada um prefere, a altura ou o peso que cada um conta (!) e, acima de tudo, com o número de divórcios que cada um tem no seu activo, acompanhados de pormenores de quejanda importância. Desta maneira entrou nos hábitos da gente nova uma soltura de costumes de que ninguém deu fé senão na ocasião em que o mal já não tinha remédio, porque ninguém dele se apercebera quando ele começara a grassar, passando da tela para a vida sub-reptìciamente como as doenças traiçoeiras que se descobrem quando já não têm cura.

A grossaria das sociedades primitivas do Oeste americano, restos da era da «marcha para Oeste» e da «corrida ao ouro» — épocas em que imperava o domínio do mais forte, e a carabina ou o revólver Colt era a única justiça — inoculou-se no espírito do Europeu, que começou por achar graça ao *sheriff* que põe os pés em cima da mesa e acabou por imitá-lo e procurar resolver todos os seus problemas a murro seco ou a brados descompostos.

Simultâneamente, a lei moral (ou a ausência desta) dos bairros sórdidos de Nova Iorque, de Chicago ou de S. Francisco, as exibições internacionais da praia de Galveston, (quem há aí que já se não recorde da série de disparates e grossarias a que deu origem a eleição de «Miss» Portugal?), a facilidade de matrimónio e sua dissolução, o cepticismo das classes elevadas de Filadélfia ou de Manhattan, tudo isto veio afectar profundamente o moral da nossa juventude, que se sentia paradoxalmente entusiasmada com a delinquência infantil nos Estados Unidos e com as proezas «heróicas» de Al Capone e dos seus numerosos discípulos, glosadas em todos os tons nos estúdios de Hollywood.

Foi este o «clima» nos dois decénios que mediaram entre as duas guerras mundiais, facto agravado ainda com certa espécie de moral rìgidamente disciplinadora que provinha em linha recta das casernas alemãs e do código estaliniano, ambos empenhados em incutir em cada jovem uma alma de escravo em nome dum vago misticismo de partido, ou dum nacionalismo com características patológicas, com o desprezo de todos os valores morais, espirituais e humanos. Se não se precisasse de mais nada para demonstrar a decadência desta velha Madre Europa, bastaria isto para tristemente o assinalar.

E quando o cinema italiano, decadente desde a I Grande Guerra, reencontrou o fio partido da sua marcha ascensional, todos os cinéfilos aplaudiram entusiasmados essa ressurreição por encontrarem nas suas fitas muito do que haviam admirado nas fitas de Hollywood, em que a um realismo por vezes brutal, deliberadamente brutal, influência talvez do cineasta russo Eisenstein e seus discípulos, se aliava uma moral fácil, fruto do longo domínio do cinema americano e, simultâneamente, reacção dum povo submetido um quarto de século ao *cant* do Fascismo e do seu pensamento cesarista.

É nesta altura que, correspondendo aos apelos que vinham de todos os lados, o Governo Português, pelo Ministério da Educação Nacional, proibiu a frequência dos cinemas às crianças de menos de 13 anos, condicionando ainda a dos adolescentes menores de 18 anos, tornando obrigatória a indicação da natureza de cada fita nos cartazes e anúncios dos cinemas de Portugal.

Quais foram os resultados práticos obtidos nos 18 meses decorridos desde que tais disposições entraram em vigor?

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

## Chefe David M. de Barros

Este nosso estimado amigo, delegado do «Sempre Pronto» no Brasil, tem estado bastante doente tendo sido submetido a uma operação cirúrgica no Hospital da Beneficência Portuguesa do Rio de Janeiro.

O Chefe David de Barros encontra-se ainda em tratamento, mas em franca convalescença, parecendo afastada a necessidade de nova intervenção cirúrgica.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» saúdam afectuosamente o seu dedicado camarada do Rio de Janeiro, formulando os mais sinceros votos de um restabelecimento breve e completo.

## «CORREIO DA MANHÃ»

Este importante diário matutino do Rio de Janeiro publicou em 21 de Abril passado um suplemento especial da vida escoteira, de 16 páginas, inserindo colaboração dos mais destacados dirigentes do Escotismo Brasileiro, particularmente uma biografia de Baden-Powell e noticiário respeitante ao Acampamento Internacional de Patrulhas, oferecendo aos seus leitores uma boa visão do Escotismo através da sua doutrina, técnica e acção.

A 8.ª Assembleia Nacional Escoteira da U. E. B. aprovou, por este motivo, um voto de louvor a este conceituado jornal.

«Sempre Pronto» felicita o «Correio da Manhã» pela sua útil iniciativa, que teve o maior apreço de muitos leitores em Portugal.

## Quatro escoteiros angolanos dirigem-se, em automóvel, para a Metrópole, trazendo uma mensagem para Salazar

Numa actividade do melhor espírito escotista, 4 escoteiros do Grupo «Diogo Cão» de Luanda, Henrique Silva, Arnaldo Marques, António Joaquim Machado e Jaime Costa, deslocam-se através do Continente Africano, num velho «Ford», procurando alcançar Lisboa, onde querem entregar uma mensagem ao sr. Presidente do Conselho em que protestam contra as declarações do chefe da União Indiana sobre os territórios portugueses do Estado da Índia, prestando homenagem ao Sr. Dr. Oliveira Salazar pela firmeza da sua atitude perante as pretensões dos Indianos.

Os escoteiros angolanos esperam levar três meses na viagem. Na sua passagem por Boma, Matadi e Leopoldville, no Congo Belga, têm recebido numerosas manifestações de simpatia, e algumas entidades ofereceram a sua colaboração ao empreendimento dos jovens portugueses, os quais se encontram muito animados e firmes nos seus propósitos de prosseguir a arrojada aventura.

## Dos Amigos do "Sempre Pronto"

**De Luto**—Em 30 de Julho passado faleceu o nosso estimado assinante sr. Salvador Rodrigues Pampulim, irmão do nosso igualmente assinante sr. Romérico Rodrigues Pampulim, a quem endereçamos, bem como à restante família, os nossos sentidos pêsames.

## Revista «ALERTA!»

Por motivo das suas muitas ocupações, mesmo na obra escotista, onde ocupa o cargo de Comissário de Organização, deixou a direcção da Revista «Alerta!» o Chefe David M. de Barros, delegado do «Sempre Pronto» no Brasil.

Na direcção desta interessante Revista, órgão oficial da União dos Escoteiros do Brasil, o Chefe David de Barros prestou relevantes serviços, imprimindo-lhe todo o entusiasmo da sua alma escoteira.

Assumiu a direcção da Revista, o Chefe João Fernandes Brito, dirigente escoteiro com larga folha de serviços e que já dirigiu uma secção de Escotismo num diário brasileiro, a quem «Sempre Pronto» saúda com votos de bons êxitos na espinhosa missão que agora assume.

### Ao chegar a Terra Brasileira

# O Contingente dos Escoteiros de Portugal enviou diversos telegramas de saudação

### Ao Presidente da República Brasileira

*Sua Excelência Senhor Presidente da República*
*RIO DE JANEIRO*

*Ao pisarem terra brasileira, que comovidamente beijam, quinze Escoteiros de Portugal constituindo delegação Acampamento Interlagos, S. Paulo, envíam V. Ex.ª, seus mais respeitosos cumprimentos e a expressão sincera seu propósito contribuirem maior aproximação juventude Pátrias irmãs. Deus guarde a V. Ex.ª e abençoe o Brasil.*

*a) ALBANO DA SILVA*
*Chefe da Delegação*

### Ao Embaixador de Portugal no Rio de Janeiro

*Embaixador de Portugal—RIO DE JANEIRO*

*Permita Excelência que os Escoteiros de Portugal que constituem a delegação ao Acampamento de Interlagos, S. Paulo, onde confraternizarão durante alguns dias com os seus irmãos do Brasil, enderecem a V. Ex.ª respeitosas saudações e afirmem seu propósito de a bem da Nação colaborarem na efectivação do acordo de amizade luso-brasileiro de que V. Ex.ª foi esforçado artífice.*

*a) ALBANO DA SILVA*
*Chefe da Delegação*

### À União dos Escoteiros do Brasil

*União dos Escoteiros do Brasil*
*R. Frederico Alvarenga, 33*
*S. PAULO*

*Acorrendo vossa chamada amiga, em breve estaremos perto de vós para juntos colaborarmos na obra de aproximação da juventude das nossas Pátrias irmãs, ao mesmo tempo que estabeleceremos laços de camaradagem com escoteiros doutros países.*
*Saudações fraternais do*

*CONTINGENTE DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL*

### À Associação Brasileira de Imprensa

*Associação Brasileira de Imprensa*
*RIO DE JANEIRO*

*Quinze Escoteiros de Portugal constituindo delegação seu país Acampamento Interlagos, São Paulo, ao pisarem terra deste imenso e formoso Brasil, com o maior fervor saudam a Imprensa Brasileira, portentoso auxiliar desenvolvimento Escotismo no Brasil, e afirmam seu propósito contribuirem estreitamento e fortalecimento relações de amizade entre juventudes duas Pátrias irmãs.*

*a) ALBANO DA SILVA*
*Chefe da Delegação*

### À Companhia Colonial de Navegação

*Presidente da Companhia Colonial de Navegação*
*LISBOA*

*Prestes a deixar este belo e excelente paquete, onde oficialidade e tripulação tão carinhosamente nos trataram, queremos, Senhor Presidente, agradecer sua generosidade que permitiu catorze jovens de Portugal vissem realizado um sonho querido, dando-se-lhes ao mesmo tempo ensejo de contribuirem de modo eficiente para a aproximação das juventudes das duas Pátrias irmãs.*
*Deus guarde V. Ex.ª.*

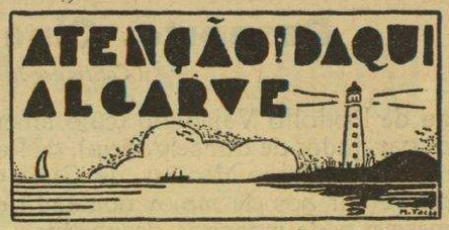
*CONTINGENTE ESCOTEIROS DE PORTUGAL*

### Ao Director da Casa de Portugal em S. Paulo

*Comendador Pereira Queirós*

*Ao pisar terra brasileira a delegação dos Escoteiros de Portugal ao Acampamento Interlagos envia a V. Ex.ª as suas mais calorosas saudações.*

*a) ALBANO DA SILVA*
*Chefe da Delegação*




### Grupo n.º 60—Vila Real de Santo António

**Taça «A. E. P.»** — A patrulha «Poupa» venceu mais um trimestre de disputa desta taça, com assinalado brilho, ainda que contra as previsões gerais.

Com este triunfo, a «Poupa» conta agora duas vitórias e a «Lobo» uma. A «Águia», que em certa altura se supôs vir a triunfar neste trimestre, já conta dois segundos lugares.

**Outras actividades** — Este grupo continua em intensa actividade. Assim, nos dias 3, 17, 24 e 31 de Julho p. p. realizou acampamentos em diversos locais, com programas cuidadosamente elaborados, com provas escotistas teóricas e práticas, que foram cumpridos à risca.

A patrulha «Poupa», também realizou um acampamento no dia 10. — C.

### Grupo n.º 77 — Faro

**Sr. Major Rocha de Abreu** — No cumprimento de suas obrigações militares, partiu para Angra do Heroísmo o sr. Major Rocha de Abreu, grande amigo do Escotismo e, em particular, deste grupo.

Desejamos-lhe muitos êxitos na sua brilhante carreira e uma estadia agradável naquela cidade insular. — C.

## Estações de serviço... de vinho

*Pois é verdade: em Barcelona, segundo têm noticiado os jornais, o público tem ao seu dispor através das ruas da movimentada cidade, bombas de gasolina... mas com vinho!*

*Esta vantagem, de que os barceloneses agora gozam, destina-se a dar vazão, é o termo, aos excedentes da produção vinícola da região. O vinho custará três pesetas o litro, funcionando as bombas automàticamente, sem vigilância, bastando, para tal, introduzir a importância fixada nas tabelas para se extrair o vinho, vazado num copo de papel impermeável. Higiénico, não é verdade?*

*Como ideia puxa ideia, daqui aconselhamos os autores do genial empreendimento a colocarem junto dessas originais bombas de gasolina estações de serviço destinadas a substituirem «peças» e prestarem assistência à numerosa clientela, pois devem ser muitas as «avarias» que tal facilidade provocará. Não preconizamos é a imitação da ideia em Lisboa, por desnecessária, tanto que mais que das sobreditas bombas não se conseguem sacar os passarinhos e os caracóis que as chafarícas da capital oferecem como estimulantes.*

*No entanto, não há dúvida que os vinicultores da Catalunha são geniais.*